

Agricultura na Holanda

Mels Van de Meeberg

Quando os campos de bulbos holandeses florescem, podemos dizer que o inverno já passou e o verão está a caminho. Quando floresceram este ano — na verdade ainda estão floridos — atraíram, como habitualmente, centenas de milhares de visitantes do exterior. Mas existe outro importante sintoma da aproximação do verão: a chegada dos primeiros delegados estrangeiros para participar de um congresso. A Holanda é o país ideal para se organizar um congresso, como descobriram inúmeras instituições e organizações de outros países. As atrações turísticas oferecem uma oportunidade ideal de se unir o útil ao agradável.

Uma das primeiras reuniões deste ano foi dedicada a um assunto particularmente prosaico, mas, ao mesmo tempo, de grande importância para a agricultura: a utilização do lixo das grandes cidades. Os moradores das grandes cidades podem achar o assunto pouco estético, mas o fato é que o lixo é uma importante fonte de adubos para os camponeses, cujo valor não pode ser subestimado. Há alguns anos, um Centro Internacional para Pesquisas de Produtos Compostos foi criado em Zurich, com o fim de estabelecer contato com os interessados de todo o mundo. Uma conferência sobre o assunto foi realizada na estação balneária holandesa de Scheveningen, no fim de abril, com a participação de 250 delegados de 25 países. Por que foi escolhida Scheveningen? Simplesmente pela oportunidade de unir o útil ao agradável? Não foi essa a única razão. O verdadeiro motivo reside no fato de que em nenhum outro país do mundo se encontram juntas tantas fábricas de adubos provenientes do lixo como na Holanda. Segundo informações de autoridades no assunto, a quarta parte de todo o lixo das cidades holandesas é usada para a fabricação de adubos e preparados para melhoramento do solo, particularmente para as terras arenosas e para a horticultura. Na verdade, os adubos artificiais apenas não são suficientes para a agricultura. Mas existe outro aspecto do problema. As grandes cidades holandesas estão se expandindo num ritmo alarmante, o que faz surgir a questão de se saber como serão eliminados os refulgos de toda a espécie, cada vez maiores. É claro, contudo, como se vê pela realização da conferência acima men-

cionada, que esse é um problema a que os holandeses sabem dar solução. A Holanda tem doze usinas mecanizadas para o aproveitamento de lixo, além de quarenta ou cinqüenta estabelecimentos menores, não mecanizados. Graças a isso, produz-se uma substância terrosa, rica em húmus e bactérias. Os agricultores holandeses sentem-se muito felizes de contar com ela, quando têm de trabalhar nas terras recém-conquistadas às águas. Durante os primeiros quatro ou cinco anos, espalha-se essa substância à razão de 15 a 20 toneladas por acre e mais tarde (de cinco em cinco anos), 8 a 12 toneladas por acre. Qualquer agricultor holandês emprega adubos compostos em suas terras, de quatro em quatro ou de cinco em cinco anos. Esse tipo de fertilizantes é também usado quando a qualidade da terra decaiu, em virtude de uso inadequado de adubo animal ou excesso de fertilizantes químicos venenosos.

Como se vê, tudo que os habitantes das cidades jogam fora poderá ser utilizado de novo. Que vantagem haverá em se atirar todo refugo ao mar ou incinerá-lo? Não é exagero dizer-se que grandes áreas de terras mais ou menos improdutivas da Holanda tornaram-se produtivas graças ao refugo de outras zonas. É bem compreensível, portanto, que centenas de técnicos, biólogos, etc. passem uma semana em Scheveningen discutindo o assunto.

